

Agradecimentos

A dissertação que agora se apresenta resultou de um trajecto atribulado, algo arrastado, ao longo do qual fui recebendo o maior apoio e estímulo de muitos. Neste sentido, os méritos que ela possa ter, devem-se aos contributos das pessoas que durante, a sua elaboração, me proporcionaram testemunhos de vários géneros. Foram eles que a tornaram possível, expressando por isso a todos a minha mais profunda gratidão.

Gostaria de destacar o papel desempenhado neste trajecto pelo meu orientador, o Sr. Prof. Dr. Carlos Fabião. Terei sido um dos seus primeiros orientandos. Lamento ter-lhe proporcionado a experiência de ter sido, talvez, o “último dos primeiros”. Durante o longo trajecto, fez-me desfrutar das faculdades académicas que quase todos lhe reconhecem: saber profundo, pragmatismo e sentido pedagógico. Delas derivam as virtudes que aqui forem detectadas, que a ele se devem plenamente. Mas devo-lhe mais, e estou-lhe mais reconhecido ainda, pelo alento e força que me conseguiu transmitir, sem os quais, estou seguro, não teria chegado ao fim.

O meu agradecimento vai, também, para o conjunto de docentes do Mestrado da Universidade do Minho, em especial à Directora do Mestrado em Arqueologia, a Sr.^a Professora Doutora Maria Manuela Martins, e do Sr. Prof. Dr. Francisco de Sande e Lemos. O meu obrigado pelos saberes que me foram transmitidos, mas, sobretudo, pelo tempo a que os obriguei, em parte involuntariamente, a esperar por esta dissertação.

O meu reconhecimento, feito com amizade, vai também para a Sr.^a Dr.^a Ana Cristina Leite, Chefe da Divisão de Museus e Palácios da Câmara Municipal de Lisboa, pelo tempo e condições dispensadas, extensivo aos meus colegas do Museu da Cidade.

À Prof.^a Dr.^a Rosa Varela Gomes, a quem devo a iniciativa do convite para leccionar na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, de alguma forma, decisivo para me levar a concluir esta dissertação.

Aos meus “mestres iniciáticos” na Arqueologia, Eduardo da Cunha Serrão e Octávio da Veiga Ferreira, sempre presentes e com saudade.

Durante o desenvolvimento do trabalho foram-me dadas provas de amizade por colegas que muito o procuraram ajudar e valorizar, e aos quais muito devo: à Alexandra Gaspar e ao Eurico Sepúlveda, incansáveis, por tudo, não apenas pelo material inédito proporcionado (da Sé de Lisboa, Tróia e Colaride); ao João Pimenta, pelas muitas razões que ele bem sabe; à Manuela Leitão, pelo pequeno mas significativo conjunto da Encosta de Santana; ao José Carlos Quaresma, pela “fluidez” de informação e pelos estimulantes diálogos.

Agradeço também, pelas muitas razões profissionais e pessoais que os próprios bem conhecem, à Ana Gomes, Marina Carvalhinhos, Carlos Lemos, Moisés Costa Campos, Marco Calado, Nuno Mota, António Valongo, Henrique Mendes, Paulo Botelho, Clementino Amaro e Jacinta Bugalhão.

À minha família, em especial ao meu saudoso avô Banha, da responsabilidade que lhe cabe e recordando-me do prazer que me confessava, por ver o seu neto, como dizia, “dedicado às coisas do espírito”.

À minha Mãe, por sempre ter acreditado que o filho podia ser arqueólogo, numa altura em que a disciplina estava longe de estar profissionalizada em Portugal, e por me ter incentivado e apoiado nesta etapa académica da minha vida.

À Inês, a minha mulher, pelos sacrifícios a que esta dissertação e o seu atribulado trajecto a obrigaram. E ao Francisco, pelas ausências do pai que sei que sentiu.

Lisboa, 30 de Junho de 2005.

Por conveniência de uso foram adoptadas no presente trabalho as seguintes abreviaturas:

Conspectus- correspondente à obra da bibliografia ETTLINGER et al. 1990

Consp.- Abreviatura da menção à tipologia formal constante da obra antes citada

Daf- correspondente à obra assim referenciada na bibliografia

Drag.- em menção à tipologia formal de Draggendorff

O.- correspondente à obra de referência da bibliografia OSWALD 1931

OCK- correspondente à obra de referência da bibliografia OXÉ, COMFORT, KENRICK 2000

Ritt.- em menção à tipologia formal de Ritterling

U.E.- Unidade Estratigráfica

M.- por Mayet, em referência ao inventário de “marcas de oleiro” hispânicas da obra de referência de Françoise Mayet

ÍNDICE

1. Introdução e objectivos.....	1
2. A prática arqueológica na cidade de Lisboa.....	2
2.1. Aspectos de enquadramento, práticas e metodologia das intervenções arqueológicas urbanas da Praça da Figueira.....	7
3. Panorâmica do estado actual dos conhecimentos sobre a evolução urbana de <i>Olisipo</i> na época alto-imperial romana.....	17
4. A necrópole Noroeste de <i>Olisipo</i>	31
5. “Marcas de oleiro” em <i>terra sigillata</i> : algumas questões prévias.	
5.1. Contornos conceptuais de <i>terra sigillata</i>	59
5.2. Conceito de “marca de oleiro”.....	62
5.3. O propósito da estampagem.	64
5.4. Os estudos de “marcas de oleiro” em <i>terra sigillata</i> em Portugal: uma sinopse cronológica.....	69
6. As “marcas de oleiro” em <i>terra sigillata</i> da Praça da Figueira.	
6.1. Critérios da selecção.....	75
6.2. Metodologia do estudo e apresentação das “marcas de oleiro” em <i>terra sigillata</i> da Praça da Figueira.....	79
6.3. As “marcas de oleiro” em produções itálicas da Praça da Figueira	
6.3.1. Sinopse dos estudos sobre as “marcas de oleiro” das produções itálicas de <i>terra sigillata</i>	86
6.3.2. Problemáticas nos estudos das produções de <i>terra sigillata</i> itálica.....	89
6.3.3. Tipologia e cronologia das “marcas de oleiro” em <i>terra sigillata</i> itálica.....	99
6.3.4. Catálogo das “marcas de oleiro” em produções itálicas da Praça da Figueira.....	101
6.4. As “marcas de oleiro” em produções gálicas da Praça da Figueira	
6.4.1. Sinopse dos estudos sobre as “marcas de oleiro” das produções gálicas de <i>terra sigillata</i>	131
6.4.2. Problemáticas nos estudos das produções de <i>terra sigillata</i> gálica.....	138
6.4.3. Tipologia e cronologia das “marcas de oleiro” em <i>terra sigillata</i> gálica.....	143
6.4.4. Catálogo das “marcas de oleiro” em produções gálicas da Praça da Figueira.....	145

6.5. As “marcas de oleiro” em produções gálicas da Praça da Figueira	
6.5.1. Sinopse dos estudos sobre as “marcas de oleiro” das produções hispânicas de <i>terra sigillata</i>.....	206
6.5.2. Problemáticas nos estudos das produções de <i>terra sigillata</i> hispânica.....	210
6.5.3. Tipologia e cronologia das “marcas de oleiro” em <i>terra sigillata</i> hispânica.....	212
6.5.4. Catálogo das “marcas de oleiro” em produções hispânicas da Praça da Figueira...	214
7 . Contextualização estratigráfica das “marcas de oleiro” da Praça da Figueira: uma contribuição para o conhecimento da evolução urbana de <i>Olisipo</i>.....	229
8. Considerações finais.....	253
9. Bibliografia.....	309
Anexo A- Fotografias das “marcas de oleiro” da Praça da Figueira	
Anexo B- “Marcas de oleiro” do actual território português e de Mérida	

Por conveniência de uso foram adoptadas no presente trabalho as seguintes abreviaturas:

Conspectus- correspondente à obra da bibliografia ETTLINGER et al. 1990

Consp.- Abreviatura da menção à tipologia formal constante da obra antes citada

Daf.- correspondente à obra assim referenciada na bibliografia

Drag.- em menção à tipologia formal de Draggendorff

O.- correspondente à obra de referência da bibliografia OSWALD 1931

OCK.- correspondente à obra de referência da bibliografia OXÉ, COMFORT, KENRICK 2000

Ritt.- em menção à tipologia formal de Ritterling

U.E.- Unidade Estratigráfica

M.- por Mayet, em referência ao inventário de “marcas de oleiro” hispânicas da obra de referência de Françoise Mayet